

## Vera Lúcia de oliveira: uma poetisa de duas "geo-grafias"

*a minha primeira cidade me deixou o nome no registro de nascimento  
a segunda me tratou como um remédio de fígado  
por isso a pátria é onde vou pendurar minhas tardes  
abortar uma manhã de serra que  
cortou aos poucos sonhos asas pernas  
a pátria é onde descubro  
(poesia inedita)*

*A poesia dói dentro de mim  
como quando meu pai podava a parreira  
eu ia vendo caírem  
as folhas  
e ia vendo caírem  
as folhas  
e ninguém sabia  
como os ramos derramavam sons  
dolorosos  
("A poesia dói dentro de mim" in "Geografie d'ombra")*

Dividida entre duas pátrias, sufocada pela barreira linguística que lhe impedia a comunicação com os outros mas dominada pelo "bichinho áacre e sedento" da poesia, familiarizada desde sempre com grandes poetas de língua portuguesa como Carlos Drummond de Andrade, seu mestre, Fernando Pessoa, Murilo Mendes, entre outros, Vera Lúcia de Oliveira, brasileira vivendo em Itália, só podia aniquilar a torre de cristal que a aprisionava e transformar-se numa Boca Bilingüe, para que a voz da sua consciência fosse ouvida. Era como que um duelo de vida ou de morte entre o silêncio e a palavra. Venceu a palavra... Bem haja!

*Como continuar fiel a mim própria, à minha língua, à realidade onde cresci, e ao mesmo tempo continuar a fazer poesia noutra contexto e para um outro interlocutor?  
[...] Continuava a escrever e a trabalhar nos meus versos, mas era um trabalho muito solitário porque continuava a escrever apenas na minha língua. Era como se me fechasse numa torre de marfim.  
[...] esta situação era conflituosa e extenuante.  
(Declarações proferidas pela autora no momento da apresentação do livro "Geografie d'ombra", em 16/03/90, em Perugia)*

Por isso a poesia lhe doía: ninguém sabia o tanto que Vera tinha para dizer porque ninguém podia entender a sua língua:

*Estou estilhaçada  
silêncios saem da boca  
mansos  
estava desenhando  
palavras  
perdi o jeito de amanhecer  
tenho tantos pedaços  
que sou quase infinita  
("Pedaços" in "Geografie d'ombra")*

Vera Lúcia vai adoptar a língua italiana para que o seu universo poético e a sua sensibilidade às coisas mais ínfimas, em suma, a sua mensagem possa chegar aos seus interlocutores italianos.

E nessa procura do contacto com o mundo que a rodeia, aqui na Europa. Vera qual Fénix saída das cinzas do seu silêncio desabrocha uma Boca Bilingüe.

Em 1983 estreara-se no Brasil com **A porta range no fim do corredor**. Poesias do quotidiano, simples:

*pensei em rato  
sapato saliente abocanhando espaço  
ralo riso de quem já morreu  
pensei em silêncio  
medo mito  
mistificação  
pensei aí  
que cansaço de pensar  
por qualquer coisa*

[...]

("A porta range no fim do corredor" in "A porta range no fim do corredor")

Um livro que mereceu da crítica os melhores aplausos.

Na Itália, em 1989, publica **Geografie d'ombra** (*Geografias de sombra*).

Dois inéditos: **Lugar de espera** com textos de 1986 e **Tempo de doer** com textos de 1987/88 aguardam a oportunidade de serem dados à estampa.

**Pedaços** como poesias de **Lugar de espera** e textos mais recentes (1988/90) encontra-se já no prelo.

Quer no Brasil, quer em Portugal e na Itália encontram-se publicados muitos dos seus textos em antologias, revistas, jornais literários, etc.

Em **Geografie d'ombra** (*Geografias de sombra*) está patente justamente a problemática do "bilinguismo".

Livro composto por duas partes: **Dopo la morte** (*Depois da morte*) escrito directamente em língua italiana e **La poesia si lacera** (*A poesia dói dentro de mim*), uma selecção de autora extraída de **A porta range no fim do corredor** e do inédito **Lugar de espera** escritos em português e com a respectiva versão italiana da própria autora.

Os poemas de **Dopo la morte** foram integralmente escritos em Itália e pensados em italiano. Alguns deles estavam há muito em mente, desde o Brasil, mas por corresponderem a emoções muito fortes só na Itália, após um distanciamento espaço-temporal e linguístico, puderam "sair".

Ora um dos aspectos interessantes da autora consiste justamente na sua praxis de uma comunicação bilingue, do uso livre, mas não arbitrário, como veremos adiante, de duas línguas como instrumento de projecção dos seus estados de alma: umas vezes o português outras o italiano. A "sombra".

A "sombra" da morte do pai relativamente jovem -vitimado por leucemia antes de completar 40 anos - é um dos traumas mais profundos na jovem Vera que contava apenas 18 anos... Este desaparecimento inesperado provocou-lhe um desgosto tão intenso que só na Itália, e em italiano, ela vai conseguir exteriorizar a mágoa que guardava há anos e por isso mesmo a secção italiana de **Geografie d'ombra** se chama **Dopo la morte - Depois da morte** (do pai).

Durante anos a autora recalçou essa mágoa e foi finalmente a "outra" língua que conseguiu libertá-la para a vida, a nova vida, a língua que, de certo modo, era "estranha" ao seu drama interior.

Luciana Stegagno Picchio no prefácio deste livro afirma:

*Uma morte atravessa a primeira parte, a italiana, destas poesias: uma morte paradigmática como só o pode ser a morte de um pai. O olhar ergue-se atónito para as coisas que surgem por contraste cheias de vida antropomorfizadas: as videiras sonham com cachos de uvas e os campos grávidos da chuva brotam como seios de mulher.*

(Prefácio de "Geografie d'ombra")

O italiano foi o veículo libertador das tensões ocultas e bloqueantes e coube-lhe a ventura de exprimir também o cântico da natureza: vinhas, campos, chuva de Verão...

O universo poético de Vera desenrola-se, a partir de agora, numa espécie de "tensão entre dois pólos" como o afirmou Barbara Spaggiari:

*Desenraizada do seu ambiente (São Paulo e o Brasil), e transplantada em um outro (Perugia e a Itália), a autora deixa transparecer nos versos a contínua tensão entre os dois pólos da sua experiência: dum lado o passado, o país natal, a língua materna, os cenários rurais de onde*  
("Uma poetisa brasileira na Itália: Vera Lúcia de Oliveira" in Letras & Letras. Porto,. 06/02/91)

É uma poesia de duas "pátrias", dois universos, logo duas "geo-grafias": a América e a Europa -dois continentes - no meio o Atlântico, o "Mar Oceano", do lado de lá do Atlântico está o "Novo Mundo", onde Vera viveu a sua infância e juventude, deste lado a velha Europa.

*roma é cidade  
frágil  
roma é cidade que  
parte  
tudo se despede em  
roma tudo é  
falta de futuro*

*o passado está em roma de mau jeito*

*as ruas de roma  
são veias com enfarte  
saó casa com janelas escuras  
pássaros com  
defeito*

*roma fertiliza a terra com camisa  
de força  
corrompe o tempo eternizando horas  
ocas  
("Roma" in "Pedaços")*

Brasil um grande triângulo grávido como um cacho de uvas suculentas... poderia ser uma Terra Prometida não fora tudo aquilo escapa "aos homens de boa vontade"...

*Janela aberta  
cidade morta  
o céu azul afunda luzes no calor da tarde  
o mato que escapa sem olhos no ardor da rua  
sufocado morre no silêncio  
quebrado só por mosquitos pardais e aviões que  
partem  
("Janela aberta" in "Geografie d'ombra")*

Itália uma língua de terra apertada entre dois mares carregados de História.

*cidade  
antiga  
cansaço pulsa e corta o tempo presente*

*chão arado pelas guerras  
consumido pelas horas  
produz e expande erva daninha na fecundidade  
mutilada*

*caminho outro país  
olho outros rostos  
sinto outras raivas*

*apodrecer em outro país  
é uma dor que não satisfaz nunca  
("Canção de exílio às avessas" in "Pedaços")*

Duas naturezas, duas atmosferas, duas realidades diferentes a imporem "Geo Grafias" opostas. Toda uma outra dialéctica da Natureza consequente de dois hemisférios - o Sul e o Norte - em amálgama na mente de Vera. Setembro...

No Brasil, em Setembro, a Primavera:

*setembro  
a côr perde-se em galhos  
folhas  
lateja nas árvores*

*a primavera se enxerta no mundo  
floresce ruas  
invade casas  
marca dias que tombam cálidos*

*palpita desejos na noite  
que fecunda  
a cidade.  
("Setembro" in "Pedaços")*

Na Europa, chega Setembro e os "olhos tropicais emigram"

*no céu setembro nasce  
meus olhos tropicais emigram*

*os muros  
escuros  
esperam folhas  
claras vermelhas  
mortas*

*meus olhos pássaros simulam asas  
grudam nas coisas que  
partem*

*e estreitos  
pregados na luz  
esperam a tarde crescer  
("Migração" in "Pedaços")*

Igualmente se cruzam dois espaços políticos e sociais: uma América Latina preñe de injustiças:

*Tinha cinco anos carregava nos olhos  
a lucidez  
imensa  
Comia com violência errando  
as pupilas na tarde  
nua  
[...]*

*Morreu atropelado  
olhando a madrugada*

*olhos abertos para sempre*  
("Pequeno pintor" in "Goegráfie d'ombra")

Uma Europa de "democracia" e... relativa abundância:

*na catedral de Milão*  
*às três da tarde sexta feira santa*  
*um Cristo estendido expira (de novo)*  
*enquanto uma turista austríaca explica as técnicas da edificação*  
*[ gótica das catedrais da idade média.*

*a um bando sonolento de turistas*  
*um pombo passeia pela nave e pousa no vitral*  
*[ incendiado pela luz horizontal da tarde*

*e o padre se exalta e amaldiçoa (de novo)*  
*Júlio César Pôncio Pilatos Herodes e todos os soldados (romanos*  
*[ e austríacos) amén*  
("Crónica de milanesa" in "Cose Scavate" - antologia com mais três autores)

Nada escapa ao olhar lúcido de Vera e a sua escrita bilingue serve-lhe não só para denunciar, a todos, aos do lado de cá e aos do lado de lá, a injustiça, o medo, a náusea, a angústia mas também para cantar e louvar as forças imanes da Vida em oposição ao mundo.

E para concluir aqui nos fica a sua Explicação desnecessária:

*Não é triste o poema*  
*não é triste o poeta*  
*triste é o mundo*  
*o mundo é que é triste*  
( S/Título in "A porta range no fim do corredor")

(Rosa Correia, Universidade de Vigo, *Boca Bilingue* n.8, 1993, Lisboa, pp.)

(Rosa Correia, *Silenciada - Festa da palabra* 10, Galicia, 1994, pp.121-124, versione gallega di Marga Rodriguez Marcuño)